



TADORNE.



EIDER.

Os palmípedes são a sexta e última ordem da classe *avis*, descripta pelos naturalistas, com os respectivos caracteres e costumes.

Este nome generico tomaram-no da configuração dos pés, que é n'elles o caracter mais predominante, pois tem os dedos anteriores, e às vezes o pollegar, reunidos por uma membrana larga e molle.

Outro caracter é terem as pernas mui recuadas para a parte posterior do corpo, fornidas de musculos energicos, às vezes nuas acima da articulação tibio-tarsianna, porém na maior parte emplumadas; o corpo grosso e curto; pescoço comprido, o sternum desinvolvido, e plumagem muito refeita, pennugenta, e impermeavel.

Os seus costumes são aquaticos, levantando o vôo com difficuldade, mas sustentando-o depois, se bem que não rapido.

São omnivoros, e vorazes no mais subido grau, tendo caracterisada propensão para as substancias animaes, quer vivas, quer no estado de corrupção.

Nos rios servem de limp-al-os das immundicies, e nas hortas ou jardins dão cabo d'esses innumerous individuos que os infestam, como os caracoes, as lesmas, vermes, etc. É por esta missão especial dos palmípedes, que os patos custam pouco a crear.

Hoje apresentamos aos nossos leitores alguns exemplares de palmípedes.

O *tadorne* vive ordinariamente em tocas. Os latinos chamavam-lhe *vulpanser*, que quer dizer ave-raposa: os alemães denominam-no pato-raposa; os inglezes pato-coelho. É selvagem, e vagabundo.

Habita ao norte da Europa, mas encontra-se tambem na Picardia e na Alsacia. Durante a primavera é visto na Islandia, e de inverno na

Suecia, e nas ilhas Ockney. Cook encontrou-o nas costas de Van-Diemen; e nas ilhas Falkland, tem-no visto os viajantes em grandes rebanhos. Em Inglaterra são communs, e e grande o commercio que ahi se faz com os seus ovos; e para os crear ha o costume de deitar com elles às galinhas; porém são de seu-natural tão selvagens, que se os não prendem, fogem para os rochedos.

Geralmente são estes tambem os costumes do Eider, Albatros, e Tetras, cujos desenhos acompanham o do Tadorne. Do Eider temos nos um exemplar vivo no Passeio Publico. De todos quatro ha exemplares empalhados em o nosso velho museu. Ordinariamente estas aves servem ao commercio pela sua plumagem.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

Proseguiram as tropas a sua marcha até a praça-de Ponda, que estava situada na fralda da montanha, em cuja eminencia se achava tambem a de Mardangor, commandada esta por Hidalkan, e aquella pelo bramene Anagy Porbú, que fazendo pouca resistencia, com facilidade se entregou prisioneiro do estado, e demolida a fortaleza, foi conduzido para a da Aguada.

A tempo que o general Manuel Soares Velho, pretendia dar principio ao sitio de Mardangor, se viu obrigado a retirar para Goa com a

OUTUBRO, 16, 1858.

noticia de ter fallecido o vice-rei marquez do Lourical. Se estes infaustos successos experimentados nas armas portuguezas na campanha de Ponda, caissem na ponderação de um supersticioso idolatra asiatico, por natureza, e por lei agoureiros, creio que jámais se animariam a emprender a conquista d'esta praça.

Por morte do marquez do Lourical succedeu nõ governo D. Luiz Caetano d'Almeida no em quanto se recolhiam a Goa dos logares, que presidiam os seus companheiros D. Lourenço de Noronha do governo de Moçambique, e o bispo de Cochim, que nada tardou, não obstante a grande impossibilidade dos sobrados annos, que já contava. Os denominados jesuitas interessados, ao haver sido da sua sociedade, lhe esforçaram de tal sorte a decadente robustez, que com toda a presteza o fizeram conduzir á posse da sua nomeação. Nos poucos dias que durou o governo d'este bispo, alcançaram aquelles padres, o que de outros em muitos annos não poderiam conseguir.

Por sua morte tornou D. Luiz Caetano a governar aquelle estado, e com tão justificado acerto e conhecida experiencia, que ainda hoje saudosos suspiram os patricios uma similhante regencia. Presumiu este famoso heroe não se apartar do marcial plano, e louvaveis projectos do seu antecessor, procurando cuidadoso executar o fim de suas principiadas acções. Depois de prompta e bem ordenada marcha para conquista da praça de Mardangor, mandou suspender o proseguimento d'esta empresa, pela ter adquirido o rei Sunda por conveniencias offerecidas ao cabo maratá. Com esta anticipada negociação, não só mereceu o dominio da praça, mas ainda o senhorio de toda a provincia: o que visto, e bem ponderado, determinou D. Luiz Caetano marchassem as tropas de cipaes a conquistar a fortaleza de Soupem, situada na planicie da montanha de Digny, uma das destinadas defesas para entrada da provincia de Ponda, e por commandante d'ellas o sargento-mór Theodosio José Santim, o qual levava ordem do general Anagy Porbú (então preso na praça de Aguada) para em vista d'ella lh'a entregar o cabo de Soupem. Este falsario inimigo anticipadamente contratado com Ramgy Nayram fingiu obedecer pontualmente á ordem, que lhe foi apresentada (para melhor disfarce da sua maldade) mas apanhando dentro da fortaleza o Santim, o encerrou em uma apertada prisão. Este infiel procedimento, e não esperada traição, foi a causa de ficarem desairosas e menos acreditadas as acções de Nayram, e do general Porbú, que depois descobriu meios para desertar da praça de Aguada.

Para desaggravo d'esta infame e traidora acção marchou o sargento-mór Vicente da Silva da Fonseca, experimentado no paiz, e perfeito militar, com reforçadas tropas de cipaes, que unidas ao pequeno exercito de Calapaya general de Sunda de sete mil cipaes, uniformemente

dispozeram de tal sorte o sitio de Soupem, que em breves dias se rendeu, ficando logo entregue ao general do Sunda conforme os tratados concluidos com o vice-rei marquez do Lourical. As industrias maximas, e bem fundadas ponderações, que n'este sitio se praticaram, por muitas as não relato por extenso.

A esta victoria se seguiu logo a entrega da praça de Sambrane e de Asuá, com a qual ficou todo o reino de Sunda livre do governo do maratá, fim a que se encaminhavam estas operações militares, para que desembaraçado de visinhos tão poderosos, podessem com mais facilidade aspirar á restauração da provincia do norte, cujos habitantes esperam ainda verem-se éxemptos das tyrannias e vexações do governo maratá. No seguinte anno chegou de Moçambique D. Lourenço de Noronha, um dos nomeados, que junto com D. Luiz Caetano continuaram com muita tranquillidade o governo do estado.

A estes dois governos succedeu o marquez de Castello-Novo, a quem foi entregue o estado em boa paz, e sem perturbações, posto que gemendo as passadas ruinas, receioso sempre de experimentar o ultimo termo de suas principiadas vexações, por lhe faltar o unico celleiro da provincia do norte. Lamentavam os mercadores a perda do grande commercio que traziam, por se lhes fecharem os portos e accrescer a penuria dos cabedaes, que maneavam. Sentia a nobreza a destruição das rendas que lucravam das aldéas da mesma provincia havidas de seus antepassados por especial graça que lhes havia feito sua magestade em remuneração de seus memoraveis serviços, finalmente carpiam todos em geral a desgraçada perda do mais forte e defensivel escudo, que possuia a cidade de Goa, para conservação e defesa dos asiaticos insultos.

Continua.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Livros.

Um livro de rezar de horas de Nossa Senhora, illuminado, em latim, de pergaminho, cobertas as taboas de velludo preto guarnecidas de oiro, a saber: pelas bordas e nos quatro cantos tem sua divisa das maravilhas, e nos meios das taboas, de cada parte, um Jesus e uma rosa de oiro, esmaltado todo com suas brochas do mesmo teor, mettido em um tachim de coiro com seu cordão e borlas de retroz azul.

Outro livrinho de horas de Nossa Senhora, que tem as taboas de oiro esmaltadas com a divisa das maravilhas no meio d'ellas, e de dentro em uma d'ellas S. Jeronymo, e em outra S. Gregorio, tudo de oiro esmaltado, e talhe com

sua brocha, e n'ella dois escudetes. Pesou seis onças e meia oitava.

Outro livrinho de horas de Nossa Senhora, em pergaminho, de lettramento miudo de penna. Tem as taboas cobertas de oiro, e no meio de uma d'ellas tem um crucifixo, e na outra o nascimento, tudo de esmalte e talhe. Tem por brocha um A grego. Pesou de oiro duas onças, e cinco oitavas e meia.

Outro livrinho de pergaminho e penna, com as taboas cobertas de velludo carmesi, guarnecidas de oiro com uns molhos de frechas doiradas em cada uma, e sua brocha de oiro com as armas de Portugal e Castella.

Outro livro coberto de coiro morado, as taboas com brochas de tendas azues, guarnecidas de oiro, e quatro perolas em cada uma com seu registo de oiro.

Outro livro com as taboas cobertas de setim carmesi, e uma brocha de oiro esmaltada, que pesou tres oitavas, e trinta grãos.

Outro livrinho com as taboas de prata annilada, com brocha de oiro: pesou assim como está quatro onças, e uma oitava.

Um livrinho das taboas da paixão todo de oiro esmaltado, de doze partes: pesa juntamente com suas brochas dois marcos, tres onças, e duas oitavas; o qual tem nas taboas de cima uns molhos de settas esmaltadas.

Um psalterio de pergaminho, illuminado, e desguarnecido. Este veiu avaliado em sessenta mil reis.

Outro livro com as tarjas cobertas de setim avelludado aleonado, com uma brocha de oiro, e rotulos n'ella esmaltados de branco.

Pontas.

Trinta pares de pontas de oiro de tres quinas, e duas soagens, e seis coronetas, e umas meias lisonjas picadas pelo meio, e outras brunidas; as quaes pesaram juntamente um marco, duas onças, seis oitavas, e trinta e um grãos.

Trinta e seis pontas de oiro e perolas, a saber: cada uma tem tres peças de oiro e tres perolas: pesaram juntamente quatro onças, e duas oitavas e meia.

Vinte pares de pontas quadradas de oiro, de seis oitavas cada uma: pesaram uma onça, tres oitavas, e trinta sete grãos.

Vinte e um pares de pontas de oiro, esmaltadas de preto; que pesaram sete oitavas, e dezoito grãos.

Trinta pares de pontas pequenas de rosa, esmaltadas de côres, que pesaram uma onça, e seis oitavas e meia.

Cem pontas de oiro esmaltadas de côres, a saber: cincoenta d'ellas de tres quinas, e as outras cincoenta redondas: pesaram todas dois marcos, duas onças, e uma oitava, menos doze grãos.

Cincoenta botões de oiro esmaltados de côres, compridos, e os esmaltes retorcidos, cada um

com sua azinha; pesaram tres onças, tres oitavas, e quatro tomis de oiro.

Uma estampa de oiro dos tres reis Magos, esmaltada de côres, com um cerco de letras de esmalte preto ao redor, e quatro rosinhas na mesma roda de roxeque e verde: pesou uma onça, sete oitavas e meia, e seis grãos.

Cintas de cingir.

Uma cinta de oiro da India, que é em tres pedaços grandes: tem dezenove peças largas, quadradas, e travadas com pernos de oiro; a qual peça tem cento e sessenta e nove rubis grandes, meãos, e pequenos, quatro esmeraldas pequenas, oito saphiras miudas, e sessenta e quatro diamantes miudos. De todas estas ditas pedras está cheio o dito pedaço sem lhe minguar nada; e tem mais pelas ilhargas cento e vinte e nove grãos d'aljofar e perolas. Os outros dois pedaços são redondos como cordão, e tem ambos cento e sessenta e duas peças que se encaixam com acicates enfiados em uma cadêa feita de fio de oiro, e tem cada um dos ditos pedaços quatrocentos rubis miudos da mesma grandeza. Pesou toda a cinta junta tres marcos e quatro oitavas.

Outra cinta de lemes e maçarocas de oiro, esmaltada, que tem oitenta e duas peças e uma biqueira com tres pendentes, e uma ataca com duas pontas, e em cima da dita ataca uma corôa, tudo de oiro: pesou quatro marcos, duas onças, e uma oitava, menos doze grãos.

Outra cinta de rosas de oiro, que tem vinte oito peças, e uma livela e biqueira, que fazem trinta; as quatorze d'ellas tem quatorze balaises meãos, e nas outras quatorze quatro perolas em cada uma postas em cruz; e tem mais cincoenta e seis perolas, postas por nós, em que se travam as ditas rosas, e na livela um balaes e nove perolas: pesou dois marcos, cinco onças, tres oitavas, e doze grãos.

Outra cinta de verdoginhos de oiro, esmaltada de côres, que tem no cabo dois lemes, um esmaltado de roxeque, e o outro de branco: pesou dois marcos, quatro oitavas, e quatro tomis.

Outra cinta de oiro tirada fora da de velludo preto, com biqueiras e livela d'aço, e umas letras de oiro esmaltadas de preto, e umas rosas no meio esmaltadas de branco: pesou dois marcos, e seis onças e meia.

Outra cinta, que tem cento e cinco peças pequenas, e vinte e dois travesanhos esmaltados de branco e verde, e tem cada travesanho um rubi e quatro grãos d'aljofar; e tem mais uma biqueira com dois rubis, uma esmeralda, vinte grãos d'aljofar, e tres perolas por pendentes: pesou dois marcos, sete onças, e cinco oitavas e meia.

Outra cinta, que foi da infanta D. Isabel.

Outra cinta esmaltada de côres com seus remates, biqueira, e charneira, e vinte e quatro rosas travessas, e dois tachos grandes com seus revites. A biqueira tem tres pendentes, e um



ALBATROS.



TETRAS.

arco no meio tudo de ouro: pesou um marco, tres onças, seis oitavas, e dezoito grãos.

Um cordão, que tem vinte e sete nos esmaltados de branco, e vinte e sete canudos torcidos, esmaltados de preto, e duas maçãs nos cabos esmaltadas de côres, e por pendants n'ellas muitas continhas e perinhas miudas: pesou tudo de ouro seis marcos, quatro onças, e quatro oitavas e meia.

Uns cabos de cingidoiro, largos, de ouro e prata, esmaltados de côres, e um d'elles tem uma rosa no meio e sete pendants: e o outro seis pendants: pesam ambos um marco, quatro onças, e uma oitava e meia.

Uns vivos de farpa de ouro, que tem vinte e oito peças de troços, e vinte e oito rosas esmaltadas de roxocre com uns medronhos com que se fecham os troços, que são esmaltados de branco e verde: e vinte e oito guarnições de ouro, em que vão mettidos uns grãos d'almiscar por pendants com umas cadeinhas. Pesaram os ditos vivos com tudo juntamente, um marco, tres onças, quatro oitavas, e doze grãos.

Anéis.

Seis anéis, a saber: um que tem um rubi chão barroco; outro que tem um rubi tavoleta; outro que tem um diamante de ponta jaquelada: outro que tem uma esmeralda tumba grande; outro que tem uma esmeralda tavoleta; outro que tem um rubi barroco, dos quaes tres são esmaltados, e os outros tres sem esmalte, todos

de ouro: pesaram todos uma onça, e sessenta grãos.

Outros seis anéis, a saber: dois d'elles chãos, cada um com seu diamante de ponta jaquelado; outro com diamante feição de moimento: outro com uma esmeralda, lavrado ao redor da pedra: dois com dois rubis barrocos, todos de ouro: pesaram juntamente sete oitavas e tres grãos.

Um anel de um diamante grande de naife de ponta: não traz peso, somente a avaliação que é vinte e quatro mil reis.

Outro anel com outro diamante jaquelado, e dois rubis, cada um de sua parte, sem peso, avaliado em quatro mil reis.

Arrecadas e pendants.

Duas arrecadas, que tem dezoito grãos d'aljozar, em ambas grossos, e quarenta grãos mais pequenos: pesaram seis oitavas e dezoito grãos.

Dez pendants com um rubi cada um, pequenos, e tres grãos d'aljozar por pendants, aos quaes fallecem cinco grãos, e são de ouro, esmaltados de roxocre: valem oito mil reis.

Noventa e tres pendants esmaltados de côres, que pesaram, todos de ouro, tres onças e uma oitava.

Dois cabos de fita de trançar, de ouro, esmaltados de côres, um d'elles com tres pendants, e o outro não tem nenhum: pesaram quatro oitavas e meia, e seis grãos.

Vinte grãos d'almiscar encastoados em ouro, a saber: quinze grandes, cada um com sua po-

rola pendente, e os cinco sem perolas : pesaram duas onças, duas oitavas e meia de oiro.

Uma laçada de oiro de duas atas, com um balaes grande no meio, e nas atas tem cincoenta e oito perolas meãs, e tem um tecido de oiro, de onze peças, livela, e biqueira; e no tecido tem mais doze perolas; pesou um marco, e uma onça.

Uma guarnição de tecido de oiro esmaltado de cores, a saber: charneira com sua livela e biqueira, que pesaram uma onça, duas oitavas, e sessenta grãos.

Oitenta e uma peças de oiro, de chaparia, que servem com a dita guarnição: pesaram um marco, cinco oitavas menos seis grãos.

Uns pendentes de oiro, que servem em fxa, que tem quarenta e duas peças com quarenta e duas perolas pendentes: pesaram seis onças, e tres oitavas.

Continua.

OS ULTIMOS ANOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

Continuação

IX.

O exercito de Affonso v entrava em fins de Maio de 1475 na cidade de Plazencia, que como dissemos pertencia ao duque de Arevalo, um dos seus mais decididos partidarios. As principaes pessoas que acompanhavam o rei com gente sua eram o duque de Guimarães D. Fernando, D. Pedro conde de Villa Real, D. Francisco conde de Marialva, D. Jorge da Costa arcebispo de Lisboa (denominado o cardeal d'Alpedrinha) D. João Galvão bispo de Coimbra, e Rui Pereira.

Segundo a versão unanime dos nossos chronicistas o exercito compunha-se de quatorze mil homens de pé, além dos homens de serviço, e da gente aventureira, e de cinco mil e seiscentos homens de cavallo. O exercito entrava em Castella ordenado pela seguinte maneira. Na frente, com alguns ginetes, ia o adail-mór do reino Diogo de Barros, para descobrir a terra. O marechal D. Fernando Coutinho, seguia-o, a pouca distancia, levando o encargo de aposentador, que hoje se chamaria quartel mestre general. O capitão dos ginetes do rei Martins de Sousa Chichorro ia com uma batalha caminhando logo apoz elle, e a vanguarda sobre o mando de Lopo de Albuquerque. O rei conduzia a batalha real, o centro do exercito, e na retaguarda vinha o duque de Guimarães com a sua gente. Em cada um dos lados da batalha real vinham duas alas, de que eram capitães D. Affonso conde de Faro, e D. Henrique de Menezes conde de Loulé, D. Affonso de Vasconcellos conde de Penella, e D. João de Castro conde de Monsanto.

Do n.º 39.

Affonso v desposou-se na cidade de Plazencia com sua sobrinha a infanta D. Joanna, assistindo a este acto, celebrado com toda a pompa, os fidalgos castelhanos duque de Arevalo, marquez de Vilhena, conde de Urenha, além da nobreza portugueza que acompanhava o rei. « Nem por isso haja suspeita, escreve ingenuamente Damião de Goes, que n'elles (desposorios) houvesse effeito a consummação do matrimonio, isto com razão do parentesco de ambos, porque a rainha D. Joanna era sobrinha de el-rei D. Affonso, filha da rainha D. Joanna sua irmã, e para o tal casamento, ainda não era dispensado em Roma... (1)

Poucos dias se demorou Affonso v em Plazencia porque sendo Arevalo um logar mais abundante de mantimentos, e pertencendo tambem ao duque do mesmo titulo, se passou para ali com o seu exercito, atravessando os castellos e villas pertencentes ao duque de Alva sem encontrar resistencia.

O grande e fundamental erro de Affonso v foi demorar-se dois mezes em Arevalo, dando aos seus adversarios tempo para se aperceberem para a guerra. Segundo a confissão dos chronicistas hespanhoes, na occasião em que o rei de Portugal entrava em Castella, os reis de Castella não possuíam mais de quinhentos homens de cavallo. (2) A rainha Isabel desinvolveu n'esta conjuntura aquelles dotes de intelligencia viril e vontade energica, que tornaram o seu nome sempre glorioso nos annaes da Hespanha. Visitou em pessoa as cidades, exigindo-lhes o juramento de fidelidade, e fazendo penosas e rapidas jornadas dizem que estando já mui adiantada na sua prenhez tivera um mau successo em Tordesilhas. (3).

N'esse mesmo logar se reuniram em breve os grandes fidalgos partidarios dos reis catholicos com as suas forças. O marquez de Astorga, e D. Diogo Hernandez de Quinhones conde de Luna trouxeram muita gente das Asturias: e os outros eram tambem dos principaes: D. Pedro Gonzalez de Mendoza, cardeal de Hespanha, o marquez de Santilhana seu irmão, o duque de Alva, o almirante, e condestavel de Castella, o conde de Treviño, o duque de Albuquerque, D. Rodrigo Pimentel conde de Benavente, D. Lourenzo Soarez de Figueroa conde de Coruña, e D. Diogo Sarmiento conde de Salinas. Quando Fernando o catholico saiu de Tordesilhas, no

(1) Damião de Goes — Chronica do principe D. João cap. 11.

(2) Bernaldes — Reis catholicos.

(3) Salio la Reyna de Toledo a veynte y ocho del mes de Mayo la via de Avila, para pasar a Tordesilhas, y de camino a Segovia, a dar orden que se batiessse moneda del thesoro del alcaçar d'aquella ciudad: y este camino se hizo tan apressadamente, que fué fama, que estando mui preñada, llegó a Tordesilhas dentro de dos dias: y que mal pario en el camino.

Zurita — Annales de Aragon — Libro xix.

dia 15 de Julho. para ir para Toro, o seu exercito, segundo afirma Alonso de Palencia, elevava-se já a dois mil e quinhentos homens de armas, oito mil e quinhentos ginetes, e trinta mil homens de pé. Hernando del Pulgar dá pouco mais ou menos o mesmo numero; doze mil homens de cavallo, dos quaes quatro mil com cavallo acobertado, e trinta mil homens de pé.

Pouco antes (13 de Junho de 1475) expirava na villa de Madrid a rainha D. Joanna, mulher de Henrique IV, e mãe da princeza D. Joanna, com a reputação de haver remido nos ultimos mezes da sua vida, os erros e fragilidades de que tão acerbamente a tinham accusado. Por um documento recentemente publicado (*) vê-se que ella fizera o seu testamento, em Abril de 1475, um mez antes de sua morte, e n'elle trata a princeza D. Joanna de rainha, suppondo-a, n'aquelle lance extremo, legitima filha de seu marido, como sempre affirmara. Citaremos apenas os logares em que allude a sua filha:

«E assim peço á rainha minha filha, e ao rei meu irmão e seu filho que se queiram encarregar de meus criados e criadas, as que ao tempo do meu finamento estiverem, em especial de D. Pedro de Castilla meu tio, e de sua mulher e de D. Pedro seu filho, pelo que me tem servido, e assim de sua irmã e irmãos, dando-lhe as suas moradias, e os seus officios, e galardoando-os pelo muito que me tem servido, não dando logar a que elles ou nenhum d'elles, sejam maltratados, nem desho irados, nem constrangidos por se dizer que tenham alguma coisa de meu, porque desde aqui para aqui e para ante Deus, os dou por livres e quites, e lhes dei carta de quitação para elles e seus herdeiros de todos os encargos, e cargo que tinham tido de mim, porque elles me serviam muito bem e lealmente n'elles, e estou mui satisfeita da conta que me deram de tudo.....

«E assim peço á rainha minha filha que as mercês que eu tiver feito a D. Pedro de Castilla meu chanceller-mór lh'as confirme e lh'as passe, e que faça dar a D. Pedro de Castilla meu chanceller-mór cem mil de juro pelo que me tem servido, além das outras mercês e favores que por isto lhe faça para ajuda do seu casamento..

«E assim peço (á rainha D. Joanna sua filha)

(*) Testamento de la feyna D. Joanna, muger de Enrique IV, escrito por ella misma, firmado de su nombre y sellado con su sello pequeno, fecho en el mes de Abril de 1475.

Copia de un testimonio dado por el escribano de Madrid Miguel Rodrigues, sabado 12 de Agosto de 1475, por mandado del alcalde ordinario de esta villa Juan Maria, a pedimento de D. Pedro de Castilla, tio de la reyna y su canceller mayor. Dicho testimonio se conserva en el archivo de la casa de Cifuentes. (Colecion de Documentos Ineditos para la Historia de Espana —Tomo XIII.— Pag 470—e seg.)

se ella recuperar Olmedo, queira fazer mercê a D. Pedro das terras d'aquelle logar, porque eu já lh'as tinha dado. E do mesmo modo faça n'aquella villa levantar um retabolo de S. Fructoso e de Santo Antonio e de S. Bernardino e na egreja que se edificar, faça erigir uma capellinha para que se diga em cada dia uma missa em reverencia d'estes santos. E se eu morresse em Aranda peço-lhe que mande fazer ahí um mosteiro aonde eu o tinha começado, e que seja de frades de observancia... E assim se obtiver Ciudad-Rodrigo, peço a minha filha pela minha benção dê as terças a D. Pedro de Castilla meu chanceller-mór, de juro e herdade, porque lh'as tinha promettido. E tambem lhe peço pela minha benção não tome outro confessor senão ao meu padre frei Pedro de Alcala, e lhe faça muita mercê a elle e todas coisas suas pelo muito que a mim e a ella tem servido. E que tudo isto que aqui digo peço-lhe que faça, pela minha benção, e para que a minha alma saia descansada d'esta vida, porque esta é a minha derradeira e inteira vontade. E quero e mando que passe e valha esta escriptura, e não valha outra contra esta, nem accete nem tenha valor senão o que n'este testamento se contém: o qual é feito pela minha mão, e assignado com a minha firma, e sello pequeno das minhas armas. Feito no mez de Abril de MCCCCLXXV. A triste rainha.»

Affonso V em breve se viu senhor de duas cidades, Toro e Samora, duas praças principaes das fronteiras de Castilla, cuja posse lhe concedia evidente vantagem sobre os seus adversarios. O arcebispo de Toledo apresentou-se-lhe em Toro, que el-rei occupara, depois de sair de Arevalo, com quinhentos cavallos, porque considerou estes acontecimentos como decisivos para o bom successo da guerra. O orgulhoso prelado, seguindo o partido de D. Joanna, que elle outr'ora combatera, exclamou ao entrar na cidade: «que havia arrancado Isabel da roca, e que para ella a havia de mandar outra vez.»

Fernando o catholico, entretanto, com um exercito de quatro mil homens de armas, oito mil ginetes, e trinta mil homens de pé, como já referimos, dividido em trinta e cinco companhias, aproximava-se de Toro, e mandava desafiar a Affonso por um cavalleiro de sua casa, chamado Gomes Manrique.

O desafio era pouco mais ou menos concebido n'estes termos: «que lhe requeria da parte de Deus, e da sua pedia como seu bom parente, se quizesse tornar pacificamente para o seu reino com sua esposa a infanta D. Joanna, á qual por nenhum direito divino, nem humano podia pertencer a successão dos reinos de Castilla, e Leão, pois não era filha de el-rei D. Henrique, como a todo o mundo era notório, e sobre isto para sua limpeza e descargo de sua consciencia e contente de pôr o juizo d'este negocio em mãos do papa, e daria segurança a estar pelo que sua santidade ordenasse, com tanto que elle

fizesse o mesmo, e que se movido do seu particular proveito, e cubiça de adquirir herança, que lhe não pertencia, não acceitara este partido, que elle por evitar mortes e damnos lhe offerencia outro mais breve, e costumado entre cavalleiros, o qual era de ambos entrarem em repto, pessoa por pessoa, ou tantos por tantos, e com aquelle que vencesse ficassem livremente os reinos e senhorios de Castella e Leão, e n'elles desse um ao outro em lugar de dote e legitima por respeito de suas mulheres aquillo, que pessoas de bem e virtuosas ordenassem e julgassem ser justo e honesto.»

Affonso v mandou-lhe responder por Affonso Ferreira fidalgo de sua casa, «que se espantava muito de lhe mandar tal mensagem e tão fora de tempo, porque antes d'elle entrar em Castella, se houvera de fallar em concerto, o que já agora era escusado, porque entre inimigos armados poucas vezes se faziam boas preytesias....»

«que lhe mandava dizer que se fosse fora dos reinos de Castella, que o mesmo lhe pedia que fizesse e lhe asseguraria sua ida, e a todos que com elle se quizessem ir, e que como isto tivesse feito era contente de pôr sua justiça e direito em mãos do papa e de estar pelo que julgasse: e que quanto ao desafio de suas pessoas, que d'isso era mui contente, que se assignara para o tal trance logar certo, mas que para segurança do vencido isto se não podia fazer senão dando-se de uma e da outra parte honrosos refens, que estes fossem a princeza sua mulher, e da sua o seria a rainha D. Joanna por cuja causa ambos ali estavam postos em armas.

.....»
Fernando o catholico apenas se demorou tres dias diante de Toro. Pedro de Mendanha, que era alcaide de Castro Nuno, e partidario de D. Joanna, offereceu-se a Affonso v para fazer levantar o cerco, e com uma companhia de trezentos e cincoenta cavallos por tal modo percorreu os campos, e embaraçou a vinda dos mantimentos e vitualhas, que Fernando o catholico teve de retirar-se, em bastante desordem, para Medina-del-Campo.

Eis como Zurita conta este acontecimento que se converteu n'um verdadeiro revez para as armas dos reis catholicos: «porém no outro dia pela manhã ou faltando-lhe ao rei dinheiro para pagar o soldo de tanta gente, ou por falta de vitualhas, por ter o alcaide de Castro Nuno e outros tomado os caminhos e fortalezas d'aquellas comarcas, com mui boas guarnições de gente de cavallo, ou por não ter a artilharia necessaria para o combate, ou por todas estas coisas juntas, segundo o affirma Hernando del Pulgar, levantou-se o arraial. Tambem conta largamente Alonso de Palencia um grande desatino que houve entre as companhias dos viscainhos, que queriam tomar as armas, dando a voz que os grandes tinham o rei de Castella encerrado: e para pôl-o em sua liberdade: e isto succedeu de maneira, que se derramou a gente pelas ci-

dades e villas tão desordenadamente que somente dois mil de cavallo dos inimigos poderiam fazer tanto damno n'elles, segundo Hernando del Pulgar o encarece, que acabara o rei de Portugal a sua empresa n'aquelle dia.» (*)

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

EXPEDIÇÃO DE VASCO DA GAMA.

Continuação.

No domingo de Paschoa chegou a Melinde, assentada n'uma deliciosa planicie, cercada de vistosos jardins, ornados de variadas arvores, especialmente lorangeiras, que com suas odoríferas flores embalsamam os ares. O paiz é rico e fertil, abundando não só em rebanhos mansos, como em feras, cuja caça serve aos habitantes de recreio. As casas, construidas de pedra de cantaria, eram de bella apparencia; e os naturaes, apesar de negros, conheciam a elegancia e o apuro do vestuario. Ornavam as cabeças com turbantes, iam nus de corpos até á cintura, e d'ahi lhes corria um saio de seda até aos joelhos. Por armas usavam de escudos pequenos, cimitarras, lanças, arcos e frechas, sendo muito orgulhosos de gloria militar. Pagã era sua religião, e adoravam supersticiosamente os idolos.

Gama, reconhecendo a costa difficil, e o mar alteroso, e lembrado tambem do perigo que corra em Mombaça, ancorou a grande distancia da cidade. O seu prisioneiro arabe que notou esta precaução, offereceu-se para ir a terra, e sondar os sentimentos do rei; dizendo-lhe ao mesmo tempo que no porto havia quatro naus de gente christã, que já deviam ter concluido aqui os seus negocios, e cuja companhia o almirante podia aproveitar para ir até á India.

Apesar de Gama não ter muita confiança na sinceridade do prisioneiro, como nada arriscava em seguir-lhe o aviso, mandou-o desembarcar n'uma ilha opposta á cidade. Foi logo conduzido ao rei, que era avançado em idade, e de character affavel e socegado. Tão satisfeito ficou o principe do que o arabe lhe contou dos portuguezes, que enviou logo um dos seus a cumprimentar o almirante, acompanhado de presentes de carneiros e refrescos. Gama não quiz ser vencido em generosidade, e retribuiu-lhe com outro presente de mór valor. Ordenou ás suas naus avançar mais para junto da cidade, e mandou uma deputação aos christãos da India, que mui contentes ficaram de ver estes estrangeiros que professavam a mesma religião; e deram instrucções que mui uteis foram tambem para o resto da viagem.

Como os achaques da velhice não permittissem ao rei visitar pessoalmente o almirante, enviou seu filho, em quem delegou a autoridade suprema. O moço principe veiu a bordo, revestido das insignias reaes, e acompanhado da

(*) Zurita—Anales de Aragon—Libro xix. Capít. xxxi.

principal nobreza n'uma galera de onde resoavam festivas musicas. Gama, para mais o honrar, foi ao seu encontro n'um escaler; e o principe o abraçou com tamanha familiaridade como afeição. Testemunhou em todas as suas acções mui fina politica, e mostrou que a sua conversação era tão agradável como solida. Olhava para o almirante com mostras de prazer e admiração: examinou attentamente as naus, e deu aos portuguezes grandes provas de afeição; e todo este favor ainda mais creceu com a generosidade de Gama que lhe fez presente dos prisioneiros que levava. Comtudo o prudente capitão resistiu ás instancias de ir a terra, apesar da offerta de deixar nas naus seus proprios filhos em refens. No dia seguinte Gama aproximou-se mais da cidade n'um escaler, para admirar a belleza de sua situação. Recebeu segunda visita do principe, que lhe deu um habil piloto, e lhe arrancou a promessa que á volta faria escala por Melinde, porque seu pae desejava mandar uma embaixada a el-rei de Portugal, com quem queria travar amizade e correspondencia.

A 22 de Março o almirante deu á vela, dirigiu-se para o norte, e poucos dias depois passou a linha. Aproando para leste, e atravessando um mar muito extenso, o piloto descobriu as montanhas de Calicut. Logo que assim o participou a Gama, o religioso capitão rendeu graças a Deus, e mandou tirar os ferros a todos os presos para que ninguem a bordo estivesse em tristeza. No mesmo dia ancoraram as naus a duas milhas de Calicut, e logo foram cercadas de grande numero de canoas, cheias de indios, que vinham satisfazer sua curiosidade. Gama perguntou-lhes, por via de interpretes, em que sitio residia o rei; e sendo desembarcado um dos degredados, afim de tomar informações, foi cercado por tamanha multidão de habitantes que o levaram no ar, como o fluxo e refluxo da maré. Finalmente foi visto por dois commerciantes de Tunis, na Barberia, que muito se admiraram de encontrar um europeu n'aquellas paragens. Um d'elles, que se chamava Monzaïda, julgando pelo vestuario que fosse hespanhol, acostou-o, e fallou-lhe em castelhano; mas apenas reconheceu que era portuguez, sua alegria redobrou, porque fôra o principal d'aquelles com quem se haviam contratado as munições de guerra que D. Fernando comprara em Tunis. Pediu ao degredado que o apresentasse ao almirante; e juntos se dirigiram a bordo. Foi bem recebido pelo Gama, que achando n'elle um homem intelligente, aproveitou o ensejo para se informar de muitas particularidades interessantes a respeito do reino de Calicut. O moiro, depois de lhe offerer seus serviços, disse-lhe que sua chegada não podia deixar de ser agradável ao rei, ou çamorim, cujas principaes vistas eram estender o commercio dos seus subditos, por isso que a mór parte dos rendimentos lhe provinham dos direitos das mercadorias, apesar de seus estados serem muito extensos, e ter

muitos principes tributarios. No dia seguinte o almirante enviou dois officiaes com Monzaïda ao monarcha, que residia então em Pandarana, tres milhas distante de Calicut. Estes deputados disseram ao principe, que o rei de Portugal, informado da sua reputação e dignidade, enviara um dos seus almirantes, que lhe requeria audiencia para offerer alliança e amizade em nome do rei seu amo. O principe respondeu graciosamente, certificando estar prompto a contractar alliança com o rei de Portugal, e que n'essas vistas disporia a primeira occasião favoravel para a conferencia com o almirante. Ao mesmo tempo lhe mandou dizer que acercasse as suas naus de Pandarana, para ficarem menos expostas aos temporaes, mui frequentes n'aquella estação, e enviou-lhe um piloto para as metter em abrigo seguro.

Poucos dias depois, um dos principaes magistrados, a que se dava o nome de catual, foi enviado pelo çamorim para conduzir Gama ao palacio. O almirante deixou o commando das naus a seu irmão Paulo. Nas instrucções que lhe deu, e a Nicolau Coelho, ordenou-lhes, que se algum accidente lhe succedesse em terra não se assombrassem por isso; e que em vez de lhe acudirem, dessem á vela para a patria, afim de narrarem suas descobertas. Para não faltarem braços á manobra das naus, não levou comsigo mais de doze. Quando saltou em terra, o catual o fez subir a um palanquim, e mettendo-se n'outro, que foi sempre a seu lado, seguiram para a cidade acompanhados de gente nobre, a que se chamava naires, e de muito povo, que todos iam a pé. Depois de terem jantado, embarcaram em bateis, e subiram pelo rio até um sitio, onde encontraram muita gente e palanquins, que os esperava. Gama e seu sequito foram conduzidos pelo catual a um magnifico templo, á porta do qual estavam quatro homens nus, desde a cabeça até á cintura, e o resto do corpo coberto com estofos de seda, com tres cordões caídos das espaldas a prenderem-se por baixo do braço esquerdo. Aspergiram-n'os com agua benta, e apresentaram a cada um dos assistentes pó de sandalo, com que a nossa gente se persignou. As paredes do templo estavam adornadas de magnificas pinturas, e no centro havia uma pequena capella redonda, com uma portasinha de bronze, para a qual se subia por alguns degraus. Na parede fronteira estava uma imagem que os nossos não poderam bem distinguir, porque o logar era escuro, e na capella não se permittia a entrada senão aos sacerdotes; os quaes aproximando-se da imagem, e apontando-a com o dedo, pronunciaram umas palavras, que os nossos entenderam significar *Maria! Maria!* Então o catual, e os que o acompanhavam, se prostraram para adoral-a com muita devoção; e a nossa gente, crendo que elles invocavam a Virgem, Mãe de Jesus Christo, a veneraram ao modo do nosso paiz.

Continua.

F. D. D' A. B. ARAUJO.